



3921 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

Práticas e eventos de letramento na alfabetização: cultura escrita na escola
Roseane Pereira da Silva - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

RESUMO

A pesquisa visa compreender os conceitos de práticas e eventos de letramento na fase inicial de aprendizagem da leitura e da escrita, no contexto escolar. Adotamos processos de letramento como práticas sociais sustentadas por diferentes instituições (BARTON, 2000). Entendemos, assim, a escola como lugar privilegiado de construção das práticas letradas, assumindo-a como produção de cultura (BUNZEN, 2010). Para tanto, utilizamos a etnografia como lógica de investigação (GREEN; DIXON; ZAHARLIC, 2005). A análise parcial dos dados revela que o perfil da turma – sujeitos em processo de aprendizagem inicial da leitura e da escrita – influencia nas decisões pedagógicas da professora, que organiza as atividades com a intenção de contribuir para a alfabetização das crianças. Os eventos e as práticas de letramento mais recorrentes consistem no trabalho com a escrita do nome, na formação de sílabas e palavras com letras móveis e sílabas, na leitura de livros literários, na escrita de palavras a partir de filmes e livros literários e, também, em atividades de alfabetização matemática.

Palavras-chave: Eventos de letramento. Cultura. Escola.

1 Introdução

Os estudos que se inserem numa perspectiva interdisciplinar, como os Novos Estudos do Letramento (NEL), podem se mostrar como alternativas às pesquisas mais positivistas sobre alfabetização, de maneira que buscam uma atitude mais compreensiva em torno do objeto investigado. Surgidos num contexto essencialmente interdisciplinar, os NEL dialogam com diferentes campos, como Antropologia, Sociologia, Linguística, Educação e Psicologia, colaborando para a compreensão das práticas letradas produzidas na escola e fora dela.

Para este estudo, adotamos processos de letramento como práticas sociais sustentadas por diferentes instituições (BARTON, 2000). Dentre essas instituições, entendemos a escola como lugar privilegiado de construção de práticas letradas, assumindo-a, pois, como produção de cultura (BUNZEN, 2010). Assim sendo, o presente estudo visa compreender os conceitos de práticas e eventos de letramento na fase inicial de aprendizagem da leitura e da escrita, com foco no contexto escolar.

Para analisar nossas inquietações relativas à problemática colocada, aderimos ao conceito de Práticas de Letramento de Barton e Hamilton (2000, p. 07), por sua natureza cultural e social: “[...] *cultural ways of utilizing written language which people draw upon in their lives. In the simplest sense literacy practices are people do with literacy*”. E, em relação estreita com o conceito de práticas de letramento, assumimos, para efeitos de análise desse trabalho, o conceito de eventos de letramento de Heath (2004 [1983]): qualquer situação de interação mediada por um texto escrito.

2 Desenvolvimento

Os NEL surgem, então, com investigações em contextos culturais específicos e com diferentes recortes disciplinares (BARTON, HAMILTON, 2000; GEE, 2004 [1988]; HEATH, 2004 [1983]; STREET, 2014 [1995]), mas sempre sob forte influência da cultura e, no dizer de Street (1993), “cultura como verbo e não como nome”. Assim sendo, essa investigação assume o conceito de cultura “como toda e qualquer produção material e simbólica produzida a partir do contato dos seres humanos com a natureza, com os outros seres humanos e com os próprios artefatos criados a partir dessas relações” (GALVÃO, 2010, p. 218).

É, pois, nessa perspectiva que compartilhamos com os NEL por entendermos que o lugar que o escrito ocupa na nossa sociedade é permeado pelas relações de poder – dimensão que se relaciona ao Modelo Ideológico de Letramento, conceituado por Brian Street na década de 1980. Segundo Street (2014 [1995], p. 44), os que se afiliam a este modelo “reconhecem a natureza ideológica e, portanto, culturalmente incrustada” nas práticas de leitura e de escrita. Desse ponto de vista, a escrita e a leitura não são entendidas como bens universais e isoladas do contexto, como querem os adeptos do Modelo Autônomo de Letramento, mas que variam segundo suas práticas letradas, suas identidades, habilidades, relações sociais e valores. Segundo o autor, esse modelo, além de cultural, é ideológico, porque há poder nessas ideias (STREET, 2010).

Neste sentido, a leitura e a escrita são portadoras de valor ideológico forte, sendo responsáveis por reforçar questionar padrões de poder, valores e tradições presentes em determinado local. A assunção dessa assertiva dialoga com as ideias de Paulo Freire sobre sua teoria pedagógica de Educação e Alfabetização e com a perspectiva de linguagem como enunciação. Portanto, estamos buscando uma perspectiva interdisciplinar nas interfaces entre educação, os NEL e a teoria da enunciação de Bakhtin – abordagem pouco explorada nos estudos sobre letramento escolar no Brasil. Em que pese a incompletude desse texto, boa parte desses estudos são produzidos nas interfaces entre a Linguística e a Educação.

Para tanto, utilizamos a etnografia como lógica de investigação, entendida aqui como uma metodologia que abrange as relações entre teoria e método (GREEN; DIXON; ZAHARLICK, 2005). Os sujeitos dessa pesquisa são alunos do ensino fundamental e suas professoras. Neste recorte, trataremos daqueles que estão na fase inicial de apropriação da escrita: crianças no 1º ano do 1º ciclo. Os dados, já coletados, estão em fase inicial de análise, sendo registrados por meio de notas de campo, preferencialmente; entrevistas, audiogravação e fotografias. Concordamos com Macedo (2005) que o processo de coleta de dados não é neutro, mas marcado pela opção teórico-metodológica do pesquisador. Nesse entendimento, as entrevistas podem revelar questões de identidade, relações de poder e modelos de letramento, a partir de dados circunstanciais e aparentemente irrelevantes (STREET, 2010). Do mesmo modo, dado um conjunto amplo de fotografias, pode-se "legitimamente reforçar o ponto de vista de uma compreensão culturalmente construída sobre o que é apropriado" (LOIZOS, 2015, p. 145).

Os alunos desta turma estão em pleno processo de alfabetização, apropriando-se dos aspectos conceituais do sistema de escrita alfabética. O sistema de escrita alfabética foi sistematizado nas aulas observadas (15) a partir de diferentes estratégias, mas o foco no nome próprio foi predominante desde o primeiro dia de aula. Pudemos constatar nas falas da professora diferentes ações propondo tanto a leitura quanto a escrita dos nomes. Vejamos um excerto do primeiro dia de aula:

P: Agora, deixa eu chamar um por um. Qual é o seu nome? E o seu? O seu?

Ela preparou fichas com os nomes da lista da turma e convidou os alunos a sentarem-se no chão, em roda, para o evento de leitura das fichas colocadas no chão. Assim, ela inicia o diálogo:

P: Quantos nomes tem?

Ais: 20, 19. (Os alunos tentam adivinhar)

P: Olhem. Vou colocar o meu nome no quadro. (A professora pôs seu nome no centro do quadro, em letras garrafais. Os alunos acompanharam atenciosamente)

P: Meus pais que escolheram. Meu nome todo é Iris Ramos Britto. (Leu seu nome sublinhando cada palavra, atentando para o espaço entre elas e contando a história do seu nome)

P: Todo mundo nasceu como? Nasceu da barriga da mãe. **Ais:** Do pai e da mãe.

Ais: Tem dois Davis... (Alguns alunos)

P: Olha, aqui tem dois DAVIS. São iguais? **Ais:** Não! São diferentes!

P: Vocês vão perguntar em casa de onde vêm esses nomes de vocês. (Apontando para o nome e sobrenome, indicando a diferença dos DAVIS pelo sobrenome)

A professora chama os alunos pelo nome, pedindo que eles identifiquem sua ficha com o nome. Alguns tinham dificuldade para identificar, mas a professora esperou e ajudou cada aluno.

P: MIGUEL, com que letra começa?

Miguel responde: "M"

P: Qual a fichinha que começa com M? (Miguel identificou rapidamente. O aluno Edilson teve dificuldade na tentativa de achar o nome do colega. Na sequência, a professora tentou ajudar Edilson a encontrar seu nome)

P: Olha para mim, Edilson. E-DIL-SON. (A professora leu o nome do estudante pausadamente, silabando)

P: Nicolas Davi, vamos!? Cadê o seu nome? Procure.

P: Evelyn Taynara, cadê o seu nome? (Essa estudante demorou e só encontrou com a ajuda da professora)

Após a leitura para identificação dos nomes, a professora propõe outro evento, que consiste na escrita do nome com letras móveis:

P: Vocês irão receber um envelope, dentro tem as letrinhas do nome de vocês. (Os alunos seguem o comando sem questionar. Ela tenta ser o mais clara e organizada possível, o que facilita o entendimento da atividade por parte dos estudantes. Depois de tudo organizado – posição das carteiras, caderno, cola e mesmo a posição do estudante de sentar na carteira – a professora distribuiu letras móveis)

P: Agora vocês vão colocar as letras na ordem que aparecem, como a fichinha que entreguei. Vocês têm a fichinha do nome. Eu quero que coloquem na ordem, entenderam? **Ais:** Sim! **P:** Vocês irão montar o nome de vocês como está na fichinha, OK?

Ais: Sim!

De posse do material, os alunos iniciam a primeira etapa da atividade: colocar as letras do nome na ordem em que aparecem na ficha. A atividade foi realizada individualmente, mas sempre com o acompanhamento da professora, que auxiliou os alunos com mais dificuldades: Evelyn, Nicolas e Edilson. Nesse momento, a professora fez a intervenção quanto ao posicionamento das letras no interior das palavras, sugerindo que fosse observada a ficha do nome. Essa orientação aconteceu porque as crianças tentaram formar seus nomes com as letras móveis sem atentar para a ficha do nome, como a professora havia orientado desde o início da atividade. Esse movimento parece estar em concordância com o valor ideológico das práticas letradas que tratamos nesse estudo, ora reforçando, ora questionando padrões de poder presentes em determinado local (BARTON, 2000; STREET, 2010, 2014). Recorrentemente observamos que, quando os alunos estavam

com letras móveis, eles optavam por formar palavras e nomes sem seguir modelos sugeridos pela professora. As brincadeiras com massinha constituíram-se como tentativas de escrever seus nomes e palavras conhecidas. A terceira atividade do dia consistia na identificação de palavras com sílabas do nome de cada criança.

Após a entrega e a organização dos materiais, a professora colocou o nome dos alunos em seus respectivos cadernos e circulou uma das sílabas para que eles procurassem, em revistas, nomes que tivessem as sílabas marcadas.

P: Prestem atenção no que vocês vão fazer. Eu vou fazer uma bolinha debaixo do nome de vocês. Essa bolinha é para vocês escreverem o nome de vocês. Depois vou circular uma sílaba do nome de vocês e vocês irão procurar, nas revistas, a sílaba que circulei. Tem sílaba que será MA, TA. Quero que façam. Procurem a sílaba que circulei, tá?

Alis: Tá, tia! (Não pareciam muito certos do que deveriam fazer)

P: Vocês vão pesquisar palavras que tem o DA, de Davi; MI, de Miguel... (A professora escreveu o nome completo dos alunos no caderno e circulou uma sílaba em cada nome, sobrenome).

O foco na letra inicial, para identificação dos nomes próprios, a leitura pausada dos nomes, de forma silábica, para que as crianças pudessem achar a ficha e a escrita do nome da professora no quadro, identificando a separação entre as palavras, demonstram clara preocupação da docente com a apropriação dos princípios do sistema alfabético de escrita. Nos diferentes momentos, ela se preocupou em dar sentido às atividades que estava desenvolvendo, começando pela exposição de como tinha surgido a ideia do seu nome, sugerindo, inclusive, que as crianças conversassem com os pais sobre a origem dos nomes delas. Aqui, uma compreensão de sujeito como no dizer de Freire (1967, p. 108): “O homem, afinal, *no* mundo e *com* o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto”.

Há em outras práticas e eventos de letramentos algumas tentativas de dar sentido às atividades para aprendizagem da leitura e da escrita, seja a partir de leitura fílmica e literária ou a partir do contexto dos alunos – neste último, com bem menos recorrência. Depreendemos que precisamos compreender melhor o motivo, uma vez que houve tentativas de construção de sentido nas atividades propostas. Adiantamos que, no conjunto das aulas observadas, a professora oscila entre a utilização de textos literários e fílmicos para reflexão sobre sílabas e formação de palavras e análise de sílabas isoladas para o ensino da escrita e da leitura.

3 Conclusões

A análise parcial dos dados revela que o perfil da turma – sujeitos em processo de aprendizagem inicial da leitura e da escrita – influencia nas decisões pedagógicas da professora, que organiza as atividades com a intenção de contribuir para a alfabetização das crianças. Os eventos e as práticas de letramento mais recorrentes consistem no trabalho com a escrita do nome, na formação de sílabas e palavras com letras móveis e sílabas, na leitura de livros literários, na escrita de palavras a partir de filmes e livros literários e, também, em atividades de alfabetização matemática.

Nesta lógica, usando os termos de Soares (2005), é uma *incorreção* dizer que a escola não valoriza as práticas sociais de leitura e escrita. Na verdade, a escola tem práticas de leitura e escrita próprias “que revelam formas múltiplas de utilizar as culturas escritas para o funcionamento da cultura escolar” (BUNZEN, 2010, p. 91). Ademais, a preocupação dos pais de colocarem seus filhos no reforço, logo no início do ano letivo, diz da preocupação da família com o processo de aprendizagem da leitura e da escrita e da apropriação do discurso dominante sobre a importância de ler e escrever na nossa sociedade.

Com efeito, a perspectiva antropológica que fundamenta os NEL produzidos na Inglaterra e nos Estados Unidos, aliada à teoria da enunciação de Bakhtin, pode contribuir para uma ampliação da forma como vimos compreendendo o letramento escolar no Brasil.

REFERÊNCIAS

BARTON, D.; HAMILTON, M. Literacy practices. In: BARTON, D. et al. **Situated literacies**. London: Routledge. 2000.

BUNZEN, C. S. Os significados do letramento escolar como uma prática sociocultural. In: VÓVIO, C.; SITO, L.; de GRANDE, P. (Orgs.). **Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GALVÃO, A. M. História das culturas do escrito: possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

GEE, J. P. Oralidad y literacidad: de El pensamiento salvaje a Ways with words. In: ZAVALA, V. et al. **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima: Red para el desarrollo de las ciencias sociales en el Peru, 2004.

GREEN, J. L.; DIXON, C. N.; ZAHARLICK, A. A etnografia como uma lógica de investigação. Ethnography as a logic of inquiry. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, FAE/UFMG, v. 42, p.13-79, dez. 2005.

HEATH, S. El valor de la lectura de cuentos infantiles a la hora de dormir: habilidades narrativas en el hogar y en la escuela. In: ZAVALA, V. et al. **Escritura y sociedad**: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas. Lima: Red para el desarrollo de las ciencias sociales en el Peru, 2004.

LOIZOS, P. Vídeos, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MACEDO, M. S. A. N. **Interações nas práticas de letramento**: o uso do livro didático e da metodologia de projetos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOARES, M. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. In: _____. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2005.

STREET, B. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Orgs.) **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

_____. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.